

a ascensão,
declínio e
queda do
estalinismo

ASCENSÃO, DECLÍNIO E QUEDA DO ESTALINISMO

1- Quando sob a direcção dos bolcheviques russos, todo o poder passou para os Sovietes, o ano de 1917 parecia anunciar uma nova era na história da humanidade: a da primeira revolução proletária vitoriosa, a da construção do socialismo, a da próxima extensão das vitórias revolucionárias.

50 anos depois, apesar de várias convulsões mortais do imperialismo e dos progressos consideráveis realizados n s países onde a propriedade privada dos meios de produção fora abolida, nenhuma crise revolucionária desembocou na tomada do poder pelo proletariado num país capitalista avançado; e o que a burocracia estalinista chama "o campo socialista" possui efectivamente mais os atributos de um campo destinado à repressão das aspirações de milhões de trabalhadores do que da democracia proletária que prefigurará a sociedade sem classes do socialismo triunfante. O farol da revolução mundial já não é mais do que um miradouro do qual a burocracia do Kremlin espia o menor despertar da combatividade dos trabalhadores - na Europa, nas duas Américas, no próximo, médio e extremo Oriente, no seu território ou nas suas dependências - afim de descobrir o que possa pôr em perigo o seu precário domínio sobre o movimento operário russo e internacional.

Quase meio século de combates revolucionários que anunciavam a luta final contra a exploração capitalista são também o balanço da traição histórica irremediável de uma casta de burocratas conservadores cujos interesses imediatos são desde há muito tempo contrários à emancipação dos trabalhadores, a quem usurparam o poder na Rússia..

2- Fundar um Estado operário num país técnica, científico, industrial, cultural e politicamente atrasado, punha problemas que os comunistas russos não ignoravam. Primeiramente esforçaram-se por favorecer ao máximo exercício do poder pelos próprios trabalhadores - nos seus sovietes de operários, camponeses e soldados - trabalhando ao mesmo tempo no desenvolvimento da produção industrial, quer dizer, na constituição de uma base material indispensável à elevação do nível de vida da população, e portanto das suas próprias capacidades políticas.

Mas esta corrida de velocidade travava-se antes a nível mundial. A URSS era apenas a primeira vitória, o estimulante da revolução socialista internacional. Defendendo pelas armas esta base operária contra a agressão das potências imperialistas aliadas, os operários russos suscitavam e favoreciam o combate da classe operária do Ocidente que detinha a possibilidade histórica de tornar o socialismo realizável numa grande parte do globo organizando-se para abater o capitalismo e depois para construir os Estados Unidos Socialistas da Europa. O proletariado da União Soviética não podia em caso algum substituir-se a esta tarefa imensa; devia ajudá-la defendendo as suas próprias conquistas e ajudando os seus irmãos europeus pelos seus sacrifícios nas trincheiras, nas fábricas e nos campos.

Para esta missão, os bolcheviques forjaram um instrumento: a III Internacional, a Internacional Comunista, o Partido Mundial da Revolução. Por nava-se necessário realizar em alguns anos o que várias décadas de degenerescência oportunista, de traições chauvinas da social-democracia tornavam indispensável. Era preciso, à pressa — no fogo dos combates — reagrupar os operários conscientes para que construíssem uma direcção revolucionária capaz de levar o proletariado à vitória, enquanto o primeiro Estado operário tentava resistir aos assaltos da guerra imperialista e da guerra civil conjugadas. Não se tratava então de, "construir o socialismo num só país", mas defender a possibilidade de edificar mais tarde - depois das vitórias

em vários países capitalistas avançados - o socialismo em todos estes países unidos pela destruição do sistema imperialista. A luta em todas as frentes, na guerra como na produção, era orientada para este fim último que não escondia nenhuma demagogia por parte dos dirigentes.

E mesmo mais tarde, quando a vaga revolucionária na Europa foi, temporariamente acalmada e o sistema capitalista provisoriamente estabilizado, este fim, com outros meios na URSS e uma outra tática internacional, manteve-se: favorecer a revolução socialista internacional reforçando a ditadura do proletariado russo, apesar da penúria, do isolamento, do atraso e da falta de maturidade das direcções nacionais das jovens secções da Internacional. Não se tratava então da "coexistência pacífica" ou da "competição económica entre sistemas sociais diferentes", mas sim de uma pequena trégua antes de retomar o combate, com uma amplitude aumentada dez vezes pela experiência adquirida pelos partidos comunistas e pelo crescimento da sua implantação operária.

3- Mas por um desvio da história que se prolonga ainda até nós, o que devia marcar uma trégua momentânea foi o prelúdio a uma reacção de longa duração.

A terrível situação resultante do carácter atrasado da velha Rússia czarista e das desvastações causadas pela guerra, vieram juntar-se novas dificuldades: numerosos quadros comunistas foram dizimados na luta (por que estavam sempre nos postos mais avançados); militantes, inteiramente dedicados ao trabalho de reconstrução das ruínas causadas pela agressão e pela fome, foram absorvidos nas tarefas administrativas, confundindo dentro em pouco o seu permanente papel de comunista com a sua ocupação momentânea de funcionários do Estado; camadas novas de arrivistas infiltraram-se no aparelho estatal que parecia daí em diante seguro da sua sobrevivência, depois do recuo imperialista; o proletariado depois de vários anos de incessantes sacrifícios via-se confrontado com a necessidade imperiosa de assegurar as bases da sua própria existência por todos os meios, muitos dos quais contrariaram a democracia política dos Sovietes. Os especuladores da NEP, os numerosos funcionários aderentes da última hora, os dirigentes das empresas, os especialistas aos quais tivera que fazer apêlo o regime a fim de criar a infraestrutura de uma economia de transição para o socialismo foram os agentes, muitas vezes conscientes, duma verdadeira contra-revolução política. Os seus interesses sociais encontraram rapidamente porta-vozes na burocracia em formação. Pela sua voz trava-se no Partido Bolchevique um combate político em que se jogavam os destinos da revolução proletária.

Pouco antes da sua morte, Lenine vira já representar-se os principais protagonistas, e preparara conjuntamente com Trotsky os elementos de acusação que pretendia pronunciar diante do Partido Bolchevique contra esta camada parasitária, apoiada no que havia de menos proletário, de arrivista no Estado.

A batalha desenrolou-se sem a sua presença e foi travada pela Oposição de Esquerda dirigida por Trotsky. Mas aí onde existia o Centralismo Democrático - a multiplicidade de tendências no combate e a unicidade na acção - foi instituído o monolitismo burocrático seguido da repressão policial. Os antigos dirigentes revolucionários do Partido, os melhores militantes comunistas, foram aviltados numa propaganda servil a Staline, expulsos do partido que tinham forjado durante dezenas de anos, deportados aos milhares, constrangidos a confissões fabricadas pela tortura, perseguidos, massacrados nos campos e nas prisões, assassinados no seu exílio forçado.

O que o imperialismo não conseguira atingir, Staline realizou-o com os seus dóceis funcionários e a GPU substituindo a democracia operária no seio dos Sovietes da ditadura proletária pela ditadura policial no seio de todas as organizações do proletariado. O seu regime estabeleceu-se sobre os cadáveres de 20 milhões de comunistas e trabalhadores de todas as repúblicas da União Soviética, pelo terror exercido sobre todas as

capacidades políticas do grande proletariado russo, pelo jugo imposto às nacionalidades submetidas ao chauvinismo grão-russo, pela repressão das formas de expressão artísticas dos intelectuais revolucionários. Se o capitalismo não foi no entanto restabelecido - pois o seu restabelecimento significaria também o fim da dominação burocrática substituída por representantes habilitados dos interesses do imperialismo - a ditadura do proletariado sobre a burguesia foi rebaixada à ditadura da burocracia sobre o proletariado (e a burguesia); o "socialismo" tornou-se a justificação ideológica dum campo de arame farpado; o marxismo revisto em múltiplas manobras diplomáticas destinadas a proteger os privilégios de uma casta contra-revolucionária.

4-Este novo caminho, que não era novo, mas sim o peso da herança de um passado de atraso e de subdesenvolvimento encontrou depois de alguma oscilação os seus teóricos.

Uma vez que na Rússia se construía o "socialismo", sob a direcção infalível de Staline; uma vez que sobre as conquistas de Outubro a burocracia estalinista edificava todo um arsenal repressivo, tanto contra os órgãos do poder operário como contra o pequeno campesinato atrasado (que tratava-se de educar em lugar de colectivizar brutalmente as suas terras, deportando-o), baptizado naquele momento de "intensificação da luta de classes durante a construção do socialismo", a tarefa reservada ao proletariado internacional, e por conseguinte aos seus Partidos Comunistas, tornou-se a protecção da "pátria do socialismo".

As lutas operárias, as crises pré-revolucionárias que sacudiram o sistema imperialista depois dos meados dos anos 20, não deviam pois permitir aos PC senão fazer pressão sobre os seus governos, ou de favorecer a constituição de coligações burguesas cuja ambição não fosse fazer guerra à URSS.

Paralelamente, esta evolução foi muito ajudada pela compreensão adquirida por certas partes da burguesia de que a URSS já não era a retaguarda da revolução mundial, mas sim a sua mais segura paragem e que consequentemente a burguesia devia resignar-se a considerar a União Soviética como um facto estabelecido.

Desde então, os partidos comunistas estalinizados e o que restava da III Internacional, foram destinados ao papel de guarda-fronteiras dos interesses burocráticos do Kremlin, no statu-quo mundial, tarefa que assumiram tanto melhor quanto uma depuração e modificações internas paralelas às do PCUS se desenrolaram igualmente no seu seio.

Assim, depois da aventura do Partido Comunista da Alemanha e da instauração do nazismo, a hora souou para a "teoria" das "frentes populares", "republicanas", "nacionais".

A grande crise imperialista dos anos 30 que partiu dos USA para atingir a Europa Ocidental, apenas serviu para restabelecer regimes capitalistas abalados (em França e em Espanha, por exemplo) por uma vaga operária sem precedentes. A mesma política, que já fora praticada na China em 1925-27, deu na Europa os mesmos resultados, com graus de violência variáveis: a burguesia primeiramente agradecida, foi, após reencontrada a sua segurança, muito ingrata para com os seus aliados estalinistas (quer dizer de maneira deformada, cheia de ressentimentos para com a classe operária momentaneamente ameaçadora). Desembarçou-se destes, para se precipitar nos horrores de uma segunda guerra mundial, cuja inevitabilidade o estalinismo preparara pela sua política, as suas traições, e os seus crimes.

5-Os dirigentes estalinistas não prepararam nem os trabalhadores da URSS nem os da Europa para a eventualidade de uma guerra.

Momentaneamente desorientada pela atitude inconstante da diplomacia do Kremlin que se julgava protegida pelo pacto Hitler-Staline, a classe operária retomou o combate, de armas na mão, contra o nazismo e a colaboração burguesa.

No fim da guerra a situação transformara-se. Os trabalhadores eram a única força organizada, armada, ofensiva nas antigas democracias imperia-

listas cujos regimes naufragaram durante a experiência. Mas a "coexistência pacífica" quiz que esta capacidade novamente revelada se transformasse em colaboração de classe, a fim de reconstruir o capitalismo nacional com a ajuda do imperialismo norte-americano dominante e a cumplicidade das organizações estalinistas.

A vaga revolucionária que da França à Jugoslávia, da Itália à Grécia, sublevoou a Europa, abortou na mesa dos negociadores de Yalta e em outras tantas zonas submetidas, umas ao imperialismo, outras à tutela burocrática.

As excepções que vieram perturbar a partilha, vitoriosas como na Jugoslávia, derrotadas como na Grécia, verificaram-se contra a vontade de Moscovo que nada fez para ajudar, material e politicamente a vitória, e tudo fez para as esmagar.

Na ausência de uma direcção revolucionária de alternativa ao imobilismo do Kremlin e dos seus lacaios, o sistema estalinista saiu reforçado de cinco anos de guerra pré-revolucionária.

Politicamente appareceu como vencedor graças ao papel do Exército Vermelho e dos PC na Resistência; economicamente, a URSS instaurou o seu domínio na Europa Oriental, abolindo aí o capitalismo e importando o seu aparelho político-económico. O estalinismo triunfante, pela extensão da sua influência sobre o movimento operário e do seu domínio sobre as "democracias populares" ateou, mesmo contra a sua vontade uma chama revolucionária na China e na Indochina que, contra todas as esperanças dos estalinistas, saiu vitoriosa.

O estalinismo estava no seu apogeu. A Este como a Oeste os estalinistas eram ministros. A classe operária sacudida nas contorções diplomáticas necessárias à coexistência pacífica, via-se estrangida a "produzir" porque a "greve — afirmava Thorez — é a arma dos trusts".

Quando a situação se tornou novamente tensa entre Moscovo e Washington, os PC retomaram os seus postos de guarda-fronteiras protectores da URSS, transformando-se numa associação para a paz estaliniana que os ultra-imperialistas ameaçavam. E para que não se pudesse opôr a menor crítica a todos estes processos criminosos, os PC foram depurados de todos os seus novos dirigentes formados nas lutas de 33-45. No entanto, onde os estalinistas discerniam a confirmação da linha reformista de coexistência pacífica, surgiam já os primeiros elementos da crise.

6-Apesar de todos os esforços desenvolvidos, a situação mundial transformou-se profundamente. A vitória da Revolução Chinesa, fazendo sair 600 milhões de seres humanos da barbárie imperialista, soava como promessa da possível e próxima libertação das nações oprimidas. Confirmada em breve na Indochina como na Coreia.

Na URSS e nas "democracias populares", as necessidades das massas exigindo um aumento do nível de vida e das liberdades políticas (já não ameaçadas pelo imperialismo) tornaram-se mais prementes contra a tirania estalinista.

Berlim em 1952-53 foi um primeiro aviso; em Varsóvia e Budapeste em 1956, travaram-se os primeiros combates da revolução política nascente. Na confusão inerente a várias dezenas de anos de hegemonia do estalinismo sobre o movimento operário, os insurrectos da Hungria, esmagados pelos tanques russos, afirmavam lutar pelo socialismo contra a ditadura estalinista. Demonstraram, simultaneamente, a verdadeira natureza da reforma empreendida sob os auspícios da burocracia, espiçada pela pressão das massas.

7-Se o XXº Congresso do PCUS anunciou a entrada do sistema estalinista na fase de declínio, pelo abandono das suas referências ideológicas centrais e uma certa flexibilidade na possibilidade de expressão e de satisfação das massas, indica ao mesmo tempo os limites de uma tal auto-reforma.

Porquanto a "destalinização" Krouchtcheviana baseava-se na coexis-

tência pacífica entre o imperialismo e a burocracia e, portanto, ausência de conflitos susceptíveis de provocação mútua; coexistência pacífica entre o proletariado e burocracia e, portanto, ausência de lutas capazes de desmascarar os projectos contra-revolucionários dos epígonos estalinistas.

Eis o balanço: o proletariado não se conformou de maneira nenhuma ao calendário estalinista: há 10 anos e pela segunda vez a guerra irrompeu na Indochina. Não há continente algum do globo onde não se verifiquem lutas no decurso das quais a questão do poder não esteja presente. Pela primeira vez sem dúvida, desde os anos 20 uma escalada revolucionária internacional desta envergadura põe com tal acuidade o problema de uma direcção que canalize todas as suas energias para um confronto decisivo com o imperialismo e consequentemente, com a burocracia.

O terreno da coexistência pacífica está definitivamente minado pelas bombas que chovem no Vietnã, Laos e Camboja. Nenhum dos discursos dos Brejnev, dos Kossyguine impedirão jamais os trabalhadores da Indochina de efectuar o último assalto contra o imperialismo americano.

A Europa, berço tradicional do capitalismo conheceu os primeiros sobressaltos da Revolução Proletária, em breve propagados à América Latina e Paquistão.

Nenhum país capitalista está livre da decadência imperialista. Nenhuma ditadura burocrática está imunizada contra o levantamento em massa da classe operária que pensa submeter. A hegemonia estalinista sobre o movimento operário internacional abre fendas por todo o lado, sob estas investidas. Já não pode encontrar o encorajamento para os seus projectos no domínio absoluto de uma situação mundial cujas perspectivas revolucionárias estão a longo prazo ausentes.

O estalinismo entrou na fase da sua queda definitiva, com a falência da coexistência pacífica, com a actualidade da Revolução socialista nas nações dominadas pelo imperialismo, nos países capitalistas avançados e nos Estados operários degenerados.

A CRISE ACTUAL DO ESTALINISMO E AS SUAS CONSEQUÊNCIAS

8-O conflito sino-soviético, a polémica depois da ruptura entre os Partidos Comunistas russo e chinês, consagraram a desintegração do monolitismo tradicional e manifesto do movimento estalinista.

A direcção chinesa fortalecida por um passado de lutas e de vitórias revolucionárias, criticou as teorias do Kremlin, a partir de concepções políticas cuja orientação se situavam nitidamente à sua esquerda.

Sobre os principais problemas (vias para o socialismo, guerra e defesa da paz), as posições de Pequim demarcavam-se das de Moscovo por um apoio efectivo às lutas revolucionárias em curso.

Certamente as razões de um tal confronto podem-se encontrar no passado combativo de uma direcção — com a direcção indochinesa é a única do Kgmintern estalinizado a ter dirigido durante mais de 25 anos uma revolução vitoriosa, apesar da sua educação e filiação estalinista.

Efectivamente a direcção chinesa nunca respeitou as ordens de Staline que a teriam conduzido à dissolução na frente burguesa do Kgmintern e sem dúvida ao aniquilamento político e físico, como já acontecera uma primeira vez em 1925-27.

Com um total pragmatismo, soube discernir as potencialidades revolucionárias da decadência do império chinês desmembrado pelas potências imperialistas; para se justificar, conciliou os conceitos essenciais da política estalinista menchevique: a "revolução por etapas", intitulada daí em diante "revolução ininterrupta por etapas", máscara de facto um processo de revolução permanente; as "alianças com a burguesia nacional" tornaram-se "Frente Única dominada pelo proletariado", quer dizer — na prática — a

hegemonia do proletariado sobre o campesinato e a pequena burguesia contra toda a burguesia pouco ou muito ligada ao imperialismo.

Mas as divergências ideológicas imergidas do conflito sino-soviético assentam em última análise na profunda divergência de interesses que opõem o Estado chinês ao Estado russo.

O imperialismo resignou-se à existência da URSS e dos seus satélites nascidos dos acordos Roosevelt-Churchill-Staline de 1947. A revolução chinesa, pelo contrário, constitui a sua mais pesada derrota depois da vitória dos Bolcheviques. O seu exemplo e os seus sucessos representam uma grave ameaça para a ordem capitalista nos países sub-desenvolvidos. A China Popular aparece como o apoio e por vezes o instigador de muitas lutas anti-imperialistas no mundo. É directamente responsável pela degradação da relação de forças entre as classes em detrimento do imperialismo, à escala internacional.

9-A administração americana ateve-se aos acordos de Yalta; nem a China, nem -à fortiori- o Vietnam, Coreia e Cuba faziam parte das zonas de influência subtraídas ao imperialismo por Staline. Também se recusa em reconhecer o facto consumado destas revoluções vitoriosas. O seu objectivo explícito é reprimi-las pelo bloqueio económico e militar recorrendo mesmo a intervenções armadas. Nestas condições torna-se evidente que os dirigentes chineses não podem entrar no jogo moscovita da "competição pacífica". A procura de acordos com o imperialismo americano constitui para eles uma política perfeitamente irrealista, pois tais acordos são apenas concebíveis entre parceiros que já não põem em causa a legitimidade da sua existência respectiva.

Do mesmo modo, o imenso atraso económico inicial da China exclui a priori toda a estratégia fundada numa competição económica com os países capitalistas desenvolvidos. O único meio de que dispõe para enfrentar o cerco imperialista consiste em favorecer tudo o que possa enfraquecê-lo, e quebrar desse modo o isolamento da China.

A direcção chinesa não tem, pois, nenhum interesse na manutenção do statu-quo, contrariamente à direcção soviética que apenas pode subsistir graças a ele.

No entanto, se a salvaguarda do Estado operário chinês induz frequentemente atitudes revolucionárias do seu governo, é a natureza do Partido Comunista Chinês e a da sua direcção que orientam, em última instância, o alcance de tais actos.

Assim o apoio às lutas anti-imperialistas e anti-capitalistas dobrou-se em cauções passadas a governos abertamente reacçãoários - como ao Paquistão (no próprio momento de uma insurreição popular neste país) - ou a direcções nacionalistas, pequeno-burguesas ou burocrático-militares como o atestam por vezes os diplomas de "anti-imperialismo" passados por Pequim aos governos egípcio e argelino. Num domínio análogo, a teoria do "bloco das quatro classes" e da "aliança nacional" servem para justificar o apoio incondicional dos dirigentes chineses às tergiversações mortíferas do Fath palestino.

No plano interno, a abolição do capitalismo na China não fez nascer uma democracia proletária autêntica. Apesar de três anos de agitação política e social, a "Revolução Cultural" desencadeada pela ala da direcção reagrupada atrás de Mao Tsé Tung só terá servido para um reforço do Estado e à reconstrução do Partido sob uma nova direcção, sem que órgãos autónomos de massas tenham visto o dia para exercer eles próprios o poder proletário, sempre monopolizado pelas camadas superiores do P.C. Chinês.

Mas o Estado operário chinês burocraticamente degenerado, o primeiro a opor-se — tendo em vista os seus próprios interesses — à capitulação permanente da burocracia soviética diante do imperialismo, introduziu uma ruptura profunda no bloco estalinista. Abriu caminho a críticas independentes de Pequim e de Moscovo, nos P.J. Coreano, Vietnamita e Cubano.

O conflito sino-soviético oficializou a desintegração da hegemonia do Kremlin sobre o movimento revolucionário internacional.

Revelou uma vez mais o carácter contra-revolucionário da direcção soviética, e ao mesmo tempo os limites depressa atingidos pela direcção chinesa.

No total permitiu às forças revolucionárias forjarem-se ultrapassando pela sua própria clarificação política as posições em que estavam implicadas.

10-Se o conflito sino-soviético confirmou de maneira evidente o fim da supremacia política até então incontestada por todos os partidos estalinistas dos dois hemisférios, se marcou definitivamente a incapacidade das aspirações burocráticas em apresentar europeus reformistas como continuidade marxista leninista que pretendem ainda representar, isto não é senão o aspecto mais visível da decomposição bem confirmada e mais profunda.

Os golpes mais mortais à ditadura burocrática não lhe são vibrados nem pelos burocratas "liberais" desejosos de gozar mais espaço eleitoral nas suas negociações com uma parte da burguesia, nem pelos defensores também burocráticos dos interesses de um Estado cujo poder real reside sempre em mãos seguras e novamente escolhidas.

As verdadeiras ofensivas contra o sistema estalinista, as que aí provocaram brechas incolmatáveis foram obra de trabalhadores e intelectuais que atacaram o sistema reputado de inabalável.

No momento em que Krouchtchev, cedo afastado pelos seus acólitos da véspera, decretava a entrada da sociedade soviética na "fase do comunismo", os trabalhadores de Budapeste lembravam-lhe estrondosamente que não podia existir o "comunismo" com uma casta burocrática e privilegiada, bichas intermináveis diante os armazéns populares de abastecimento, com uma ausência total de liberdade cultural e política para o proletariado e seus partidários.

As aspirações das massas a burocracia respondia com os argumentos da metralha contra a democracia proletária renascente na Hungria.

Mas a lógica pós-estalinista também conhece as suas subtilezas. Ela sabe que as pequenas manobras políticas podem por vezes -provisoriamente- evitar-lhe as grandes manobras de um exército de intervenção. Constrangido e forçado o Kremlin aceitou um Gomulka na Polónia, antes de fuzilar um Imre Nagy na Hungria.

Tanto a manobra política como a repressão armada fazem parte de um mesmo plano: manter custe o que custar os trabalhadores da URSS e das democracias populares na apatia política e no silêncio, quer pela polícia política quer por dirigentes pseudo-liberais, ou ainda pelos dois ao mesmo tempo.

Mas estas receitas esgotam-se com o crescimento das reivindicações operárias e intelectuais. Gomulka pode iludir tirando partido do seu passado: a repressão pôde reduzir ao silêncio os trabalhadores de Budapeste, no entanto Gomulka acaba de ser desalojado pelo levantamento Gdansk-Szczecin, e o regime de Kadar dificilmente se pode gabar de ser muito popular entre os trabalhadores húngaros.

A burocracia tem necessidade de proceder a algumas reformas: a elevação, apesar de tudo, do nível de vida das massas e da produção no seu conjunto, tornam obsoleto um aparelho de repressão hipertrofiado. As necessidades da gestão predominam um pouco sobre as da polícia, trazendo também à cena camadas de burocratas mais representativos das solicitudes tecnocráticas e da eficiência industrial que da justificação ideológica de um regime de penúria e de opressão. Para se perpetuar a burocracia tenta auto-reformar-se, admitindo no seu seio porta-vozes mais aptos a dominarem a situação.

Arranja os seus Krouchtchev, os seus Liberman e Trapeznikov, os seus Gomulka, os seus Dubcek e Ota Sik e os seus Gierek.

Para ela o essencial consiste em proceder sem que a classe operária faça ouvir a sua voz fazendo-se passar pelo melhor defensor dos seus interesses.

Precisamente a decomposição real do sistema estalinista começa no momento em que a classe operária, pelos seus próprios meios emerge da inactividade para pôr os seus próprios problemas económicos e políticos.

Da Polónia de 56 à de 71 há o caminho que marca o fim das ilusões e da confiança que os trabalhadores podiam ter numa reforma superestrutural do regime, por uma troca de pessoal político nos cargos.

Das ilusões que levaram Gomulka ao poder, da confiança provisória dada a Dubcek e à sua equipa até à desconfiança organizada nos comités operários de Gdansk, há o processo de uma longa maturação política que se alimentou das lições das derrotas sucessivas sangrentas ou políticas.

A burocracia, sob a pressão da acção operária é capaz de fazer concessões por vezes importantes. Em todos os casos, tentará recuperar o que concedeu, logo que a classe operária tenha afrouxado a sua vigorosa pressão.

Lá também a toupeira da revolução política cava as suas galerias: uma parte ainda restrita de trabalhadores - a sua vanguarda - compreende hoje que a pressão não basta, que obrigar a burocracia a anular os aumentos de preço e a reconhecer a representatividade do Comité de greve não chega, se amanhã os trabalhadores devem voltar para as suas fileiras ao som dos hinos do "esforço nacional" e dos "sacrifícios pela produção" que lhe entoam tanto os sacerdotes do rito estalinista como os bispos do rito católico.

A extensão geográfica das batalhas anti-burocráticas, o seu amadurecimento político na juventude, intelligentsia e classe operária, a aceleração do ritmo da sua exploração são o diagnóstico mais seguro da gangrena incurável do despotismo estalinista. Mas o prognóstico da vitória está ligado, como outrora, à acção consciente de uma nova vanguarda comunista, que fermenta nos debates da juventude e nas experiências dos trabalhadores.

Vários anos de obscurantismo em que o catecismo estalinista foi inculcado da escola primária ao asilo não bastam para apagar a própria imagem do socialismo, a saída depende da capacidade desta nova vanguarda em lutar contra o desencorajamento, a desmoralização, o cepticismo, quer dizer, para demonstrar o realismo das soluções socialistas perante a crise burocrática, face à utopia das reformas estalinistas "liberais".

A propaganda subterrânea para libertar os sindicatos da tutela burocrática, independentes do Estado, para um partido de funcionamento democrático na discussão e unidade na acção, pelo pluripartidarismo socialista, pelos conselhos representativos dos trabalhadores donos do poder, começa a dar os seus frutos.

Apesar da repressão e da mordida da informação oficial, um passo decisivo foi dado na Checoslováquia, por exemplo, pela constituição de organizações marxistas revolucionárias apoiadas pelos seus camaradas da Europa Ocidental.

É com elas que daqui em diante se desenvolverão novos confrontamentos entre o proletariado e a burocracia, que se construirá o partido do derrubamento da usurpação burocrática e da revolução política dos Estados operários degenerados.

11-Até agora as primeiras vagas da revolução política atingiram apenas a periferia do próprio bastião burocrático: a União Soviética. No entanto a restauração da democracia socialista proletária só será assegurada no dia em que a vaga que já sacudiu a Hungria, a Checoslováquia e depois a Polónia, chegar ao Estado-maior da repressão estalinista instalada na URSS.

De maneira indirecta, o nível crescente da combatividade das massas soviéticas não cessa de se manifestar. Inaugurada de maneira fracassante pela greve dos deportados do campo de trabalhos forçados de Vorkouta, uma longa série de revoltas dispersas e muitas vezes desconhecidas desenrolam-se nas Universidades, nas fábricas e nos Kolkhozes. Estas reivindicações conduziram depois da morte de Staline a certas concessões notáveis no plano da liberdade política, sancionadas na altura do XXII congresso do PCUS (novos direitos políticos inscritos no programa do partido; reabilitação pública parcial das vítimas das depurações de Staline).

É que todos os factores que contribuíram depois de 1923 para a desmobilização das massas soviéticas foram minados pelas vitórias consecutivas à segunda guerra mundial: a URSS já não está isolada, tornou-se a segunda potência económica do globo. O nível de vida das massas na URSS aumentou notavelmente favorecendo o despertar de uma consciência política exigente, libertada da ansiedade quotidiana do pão-nosso-de-cada-dia; estando o perigo de um ataque imperialista contra a União Soviética momentaneamente afastado, poucos trabalhadores estão dispostos a sacrificar as suas necessidades materiais e culturais às necessidades de uma opressão que parece obsoleta.

É destes elementos que se alimentam desde há vinte anos as reivindicações que se mantêm ainda clandestinamente no fervilhar de uma vida política subterrânea. Pelos canais do multiforme Samizdat, do gracejo antiburocrático repetido em segredo como um panfleto, cristalizaram-se muitos grupos - de intelectuais e de estudantes essencialmente - intervindo por vezes com uma extraordinária coragem para manifestar este renascimento do bolchevismo na URSS. Apesar da repressão da polícia secreta, da deportação ou dos asilos psiquiátricos - cadeias políticas - reagrupa-se hoje no santuário do obscurantismo estalinista uma geração de jovens revolucionários sedentos de compreender o como e o porquê da actual situação de uma sociedade que se pretende socialista. Reencontra necessariamente para isso o fio da tradição marxista que a burocracia não conseguiu aniquilar completamente; pela redescoberta - voltando costas ao doutrinarismo oficial - da obra de Lênine, de Trotsky e da Oposição de Esquerda ao estalinismo, de que existem ainda algumas vozes para testemunharem o combate.

E se a pressão das massas soviéticas ainda não passou o limiar da acção autónoma dos trabalhadores contra a burocracia, os porta-vozes deste próximo renascimento fazem-se ouvir pela voz de autênticos comunistas como Grigorenko ou Yakhimovitch, ou pelo protesto dos artistas soviéticos contra os delitos de uma burocracia tão tacanha que está inquieta pelas contradições que a ameaçam.

O simples e recente facto do Kremlin ter sido obrigado em alguns dias a substituir os efectivos do seu exército de intervenção na Checoslováquia por soldados vindos das províncias asiáticas da URSS atesta o fraco poder de convicção que possuem doravante os dirigentes estalinistas na população soviética.

Num país onde, mais de 50 anos após a revolução proletária, se põe ainda o problema das nacionalidades oprimidas e do anti-semitismo das satisfações imediatas e da liberdade política dos trabalhadores no quadro do Estado operário, a burocracia não pode senão encontrar receitas momentâneas para a perpetuação do seu sistema.

Depois de ter abandonado sob a pressão das massas os métodos propriamente policiais do seu mestre, vê-se constrangida, hoje, a recorrer a eles, em virtude do desenvolvimento desta pressão e para a entrar.

Mas "o argumento dos tanques russos" - segundo a expressão de Kuron é Modzelewsky - poderia muito bem voltar-se contra os seus promotores, se em Moscovo se iniciasse a situação explosiva de Budapeste, Praga ou Varsóvia.

Se ninguém pode prever por onde explodirá o barril soviético, a pólvora que contém é hoje tanta que as consequências da explosão são inevitáveis. Os seus apalos varrendo a burocracia do Kremlin e os seus satélites, atingirão o movimento operário europeu para o libertar da hegemonia estalino-reformista.

Nesse dia, a oposição bolchevique que se prepara na sombra tomará o seu lugar à cabeça das massas soviéticas para uma libertação definitiva depois de meio século de silêncio e de trabalhos forçados.

(Capítulos II e IV do Projecto de programa da
Liga Comunista-1971)